

Joelmir Beting

“Temos de evitar que o povo brasileiro confunda Robin Hood com Ali Babá.”

Ênio Candotti, presidente da SBPC.



Econ. Brasil *Feliz meio ano-novo*

A crise política atrapalha, mas não paralisa a economia brasileira — com três batidas na madeira. As empresas continuam trabalhando e os brasileiros ainda sonham com um segundo semestre menos ruim que o primeiro. A ordem é absorver os impactos de uma nova segunda-feira negra — que estourou pelo lado da IstoÉ e não mais de Veja. O depoimento de Mota Veiga na CPI do caso PC não trouxe nenhuma revelação suplementar. Era um desconforto com aviso prévio. O choque aconteceu com a descoberta da conta bancária de Maria Gomes.

□□□ O presidente agüenta? O governo agüenta? A economia agüenta? As reações espasmódicas do mercado financeiro não servem de referência. Dentro dele, especuladores de plantão jogam pesado no piorômetro e na sinistrose — devidamente abastecidos por economistas chegados a soluções de choque, exercício profissionalmente fascinante. Como a pajelança heterodoxa serviu apenas para desgraçar a vida da gente nos últimos sete anos, os alquimistas recheados de álgebra passam a defender a dolarização da economia em transe. Ajuste via mercado, nem pensar. Isso acontece até na China de Mao. Aqui, ninguém assume.

□□□ Literalmente soterrado por abacaxis jurídicos e por pepinos políticos, o ministro Márcilio Marques Moreira procura demonstrar que a economia resiste e funciona e a política econômica permanece nos eixos do tratamento gradualista da estagflação. Não há cri-



se de governabilidade no Ministério da Economia nem no Banco Central. Hoje, o Conselho Monetário Nacional faz reunião agendada há quatro semanas e deve aprovar, entre outras coisas, a nova regulamentação dos consórcios. Enquanto isso, o Banco Central, do alto de reservas superiores a US\$ 21 bilhões, renova o aviso aos diletantes: o ágio do black tem teto de tolerância, gatilho da intervenção. O teto é segredo.

□□□ Nenhum choque, nenhuma intervenção, nenhum pacote, nenhuma prefixação. E, muito menos, nenhuma dolarização. Os cruzados já estão na penúltima prestação e a dívida externa está a um passo da renegociação.